



RESUMO DE SEGURANÇA DE ÁFRICA

UMA PUBLICAÇÃO DO CENTRO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS DE ÁFRICA

A Ameaça Crescente do Boko Haram

POR J. PETER PHAM

- ◆ O grupo fundamentalista islâmico nigeriano Boko Haram tem-se tornado cada vez mais virulento desde o final de 2010, evidenciando uma evolução considerável em termos de eficácia tática e ideológica.
- ◆ Existem indícios do reforço das ligações do Boko Haram a organizações internacionais de terrorismo islâmico.
- ◆ O apoio prestado por algumas comunidades muçulmanas marginalizadas do norte da Nigéria ao Boko Haram indica que meras operações de segurança não serão suficientes para pôr fim à instabilidade.

DESTAQUES

O ressurgimento do grupo nigeriano islâmico Boko Haram é motivo de grande preocupação. Este grupo orquestrou, desde finais de 2010, uma campanha brutal de atentados em toda a região norte da Nigéria, contra autoridades e instituições públicas, além de visar, com cada vez maior frequência, vítimas inocentes, incluindo crianças. Só em 2011 morreram pelo menos 550 pessoas em 115 atentados, um número aterrador que não cessa de aumentar. Entretanto, o discurso e as táticas do Boko Haram mostram que a organização expandiu a sua influência muito para além da sua base original, a região nordeste da Nigéria. Com efeito, parece estar a transformar-se numa ameaça transnacional, com ramificações noutros grupos fundamentalistas violentos no norte, oeste e leste do continente africano.

Este grupo constitui assim uma grave ameaça no contexto político, económico e de segurança de toda a África. Sendo a Nigéria o maior exportador de

petróleo africano (com as dez maiores reservas comprovadas do mundo), além de possuir a maior densidade populacional do continente, a instabilidade neste país tem profundas implicações globais.

O BOKO HARAM E O SEU CONTEXTO

O Boko Haram surgiu pela primeira vez nas páginas dos jornais em finais de Dezembro de 2003, devido aos atentados que perpetrou contra esquadras de polícia e outros edifícios públicos nas cidades de Geidam e Kanamma no estado de Yobe, no nordeste da Nigéria. O surgimento desta seita militante não pode porém ser explicado sem uma referência ao contexto social, religioso, económico e político do norte da Nigéria. Embora de forma pouco clara, há quem afirme que as origens do grupo remontam às revoltas do movimento *Maitatsine*¹ no início da década de 1980, que vitimaram milhares de pessoas e deixaram um enorme rasto de destruição em cinco estados do

norte da Nigéria. O movimento Maitatsine tem origem no pregador islâmico Muhammadu Marwa, que se mudou do seu país natal, os Camarões, para o norte da Nigéria, cerca de 1945. Os seus sermões violentos, dirigidos contra as autoridades religiosas e políticas, valeram a Marwa o cognome de “Maitatsine” (em língua haúça, “aquele que lança a maldição”), bem como a ira das autoridades britânicas coloniais, que ordenaram a sua deportação. Maitatsine regressou à Nigéria pouco após a independência e, no início da década de 1970, desfrutava já de um apoio significativo e crescente, constituído pelos “Yan Tatsine” (“apoiantes de Maitatsine”), jovens, migrantes desempregados e outros, que se sentiam abandonados pela hierarquia islâmica. Maitatsine foi morto em Dezembro de 1980 pelas forças de segurança, durante uma revolta em Kano, mas os seus apoiantes voltaram a sublevar-se em 1982, 1984 e 1985.

Tanto os Yan Tatsine como o Boko Haram podem ser definidos como seitas fanáticas, cujo credo não é partilhado pela maioria dos muçulmanos nigerianos. Ambos utilizam um discurso de condenação da civilização ocidental, ambos acabaram por contestar a legitimidade do estado secular nigeriano, invariavelmente descrito como *dagut* (“malvado”) e não merecedor de lealdade, e ambos declararam guerra ao Estado, que pretendem substituir por um regime islâmico “puro.” Os surtos de violência provocados por estes dois grupos não puderam ser dominados pela polícia, tendo sido necessário recorrer à intervenção de forças militares. O tempo decorrido entre estes episódios de violência foi marcado pela corrupção e escassas melhorias das condições socioeconómicas no norte da Nigéria, agravando, em muitas comunidades do norte, o sentimento de que têm vindo a ser cada vez mais abandonadas em proveito das congéneres no sul do país (maioritariamente cristão).² O ressentimento gerado reforça a adesão destas comunidades à mensagem do Boko Haram, que promete uma transformação radical da sociedade nigeriana.

O Dr. J. Peter Pham é Director do Centro de África Michael S. Ansari junto do Conselho do Atlântico em Washington, DC.

O próprio nome do grupo—*Boko Haram*—associa a palavra *boko*, em língua hausa “livro” (no sentido de “livro de aprendizagem”) e o adjetivo árabe *haram*, que designa o que é ímpio ou pecaminoso. “Boko Haram” não é portanto apenas o nome do grupo, como também o seu lema, o de que “a educação ocidental (e tudo o que dela resulta) é sacrilégio.” O fundador do grupo, Moamede Yusuf, explicou a visão do mundo que resulta desta ideologia, numa entrevista que concedeu à BBC em 2009: “A educação de cariz ocidental assenta em bases que são contrárias às nossas crenças no Islão. A chuva, por exemplo: nós consideramos que se trata de uma criação de Deus e não de uma evaporação causada pelo Sol, que condensa a água e a transforma em chuva. É como afirmar que o mundo é um globo. Isto contraria os ensinamentos de Alá, e nós rejeitamos isso. Rejeitamos igualmente a teoria do darwinismo.”³

“o grupo Boko Haram pode ser descrito como uma seita fanática cujo credo não é partilhado pela maioria dos muçulmanos nigerianos”

A introdução da lei islâmica (*Sharia*) nos 12 estados do norte da Nigéria, a partir de 1999 (ver mapa), não satisfaz Moamede Yusuf e os seus seguidores, que consideram toda a classe dominante do país minada pela corrupção, incluindo mesmo líderes muçulmanos do norte do país, acusados de estar “irremediavelmente contaminados por ambições de tipo ocidental.” O grupo idealiza um Estado “puro” governado pela *Sharia*, mais transparente e justo do que o existente. A insubmissão do grupo à hierarquia muçulmana tradicional do país ficou demonstrada no início de 2012, quando o seu porta-voz, Abu Qaqa, ameaçou atacar a sede histórica do califado nigeriano, numa carta aberta dirigida ao Sultão de Sokoto, Moamede Sa’ad Abubakar III.

Após o esmagamento dos primeiros tumultos de 2003, os membros do Boko Haram reagruparam-se no estado de Yobe, na fronteira com o Níger, numa base a que deram o nome de “Afeganistão” após hastear a bandeira talibã no acampamento, embora não tivessem ligações com os extremistas afegãos. O grupo passou a



ser designado de “Talibãs Nigerianos” pelos “cidadãos locais que rejeitam a filosofia e os ensinamentos da seita.”¹⁴ Contudo, o número dos seus apoiantes foi aumentando à medida que estudantes de diversas universidades e institutos técnicos locais desistiam dos cursos para integrar o grupo e receber instrução corânica. Em meados de 2004, o Boko Haram dispunha já de meios suficientes para atacar diversas esquadras de polícia no estado vizinho de Borno, vitimar vários agentes da polícia e roubar armas e munições. A polícia contratou e matou cerca de 24 extremistas. Incidentes deste tipo repetiram-se nos anos seguintes, marcados por ataques episódicos do Boko Haram contra a polícia, que reagia efectuando rusgas e detenções. De um modo geral, no entanto, este período foi dominado por uma trégua informal entre o grupo e as autoridades nigerianas. Moamede Yusuf chegou mesmo a fundar uma mesquita e uma escola corânica em Maiduguri, capital do estado de Borno.

A calma relativa terminou em 26 de Julho de 2009, com um assalto surpresa das forças de segurança a um esconderijo do Boko Haram no estado de Bauchi, que suscitou, nos cinco dias seguintes, ataques de represália contra a polícia e motins que alastraram a Bauchi, Kano, Yobe e Borno. As forças de segurança reagiram, cercando e atacando a mesquita do grupo em Maiduguri. A violência só terminou após Moamede Yusuf ser capturado, espancado, interrogado e, por fim, morto a tiro—alegadamente ao tentar fugir—com um balanço de mais de 700 mortos e a destruição de diversos edifícios públicos, nomeadamente instalações governamentais, esquadras de polícia, escolas, mesquitas e igrejas. Com a perda da maioria dos seus líderes e principais apoios financeiros, incluindo Al-haji Buji Foi, antigo comissário para os assuntos religiosos no estado de Borno, o grupo desapareceu das notícias e diversos analistas deram-no por completamente derrotado, ou mesmo extinto.

ESCALADA A PARTIR DE 2010

Pelo contrário, e longe de estar aniquilado, o grupo passou por uma profunda transformação. Olhando para trás, o primeiro sinal desta transformação foi uma entrevista concedida por Abu Musab Abdel Wadoud, também conhecido pelo nome Abdelmalek Droukdel, um emir da Al Qaeda no Magrebe Islâmico (AQMI) à cadeia Al Jazeera, a 14 de Junho de 2010. O líder da secção norte-africana da al-Qaeda declarou que iria fornecer armas, treino e outros tipos de apoio ao Boko Haram. O objectivo consistia em expandir a influência da al-Qaeda até à África Subsaariana para conquistar não só “profundidade estratégica” como “defender os muçulmanos na Nigéria e deter o avanço de uma minoria de cruzados.”⁵ Na altura, esta declaração não foi levada muito a sério, porque Droukdel era conhecido pela sua ambição desmedida e dificuldades de relacionamento com os principais chefes da AQMI no sul.⁶

Pouco tempo depois, um antigo adjunto de Moamede Yusuf que se julgava ter sido morto durante a revolta de 2009, Abubakar bin Muhammad Shekau, reapareceu num vídeo característico da al-Qaeda. Envergando um turbante e filmado junto a uma arma de guerra AK-47 e a uma pilha de livros religiosos, Shekau apresentou-se como o novo líder do Boko Haram e prometeu vingança: “Não pensem que a *jihād* acabou. Pelo contrário, a *jihād* apenas começou.”⁷ Anunciou, em concreto, que seriam perpetrados ataques não só contra o Estado nigeriano, como contra “símbolos da cultura ocidental.” Num manifesto impresso, Shekau associou a *jihād* empreendida pelo Boko Haram ao combate *jihadista* no mundo, especialmente a luta dos combatentes de Alá no “Estado Islâmico do Iraque.”

Dois meses mais tarde, a 7 de Setembro de 2010, membros do Boko Haram tomaram de assalto uma prisão federal no estado de Bauchi e libertaram mais de cem dos seus activistas que aguardavam julgamento desde a revolta do ano anterior. No assalto, levado a cabo com bombas e armas automáticas, os extremistas soltaram mais de 750 outros prisioneiros e espalharam folhetos avisando que a violência continuaria.

Esta ameaça não tardou a concretizar-se. Na véspera do Natal de 2010, em Jos, no estado de Plateau, o grupo despoletou em cadeia sete Dispositivos Explosivos Improvisados (DEI). As bombas, visando as comuni-

dades cristãs da cidade, fizeram 80 mortos e um grande número de feridos. A seguir, o grupo levou a cabo diversos outros ataques, empregando principalmente DEI arremessados de veículos em movimento, ou armadilhados na proximidade dos alvos escolhidos, em Maiduguri e Bauchi, visando principalmente candidatos às eleições de 2011 que o grupo havia condenado.

A realização de eleições, consideradas pelos extremistas islâmicos uma “inovação” proibida (*bid'ah*) e imposta pelo Ocidente, era já alvo de contestação pelo facto de um número significativo de muçulmanos, especialmente no nordeste, se opor firmemente à candidatura do Presidente Goodluck Jonathan, um cristão do sul, que sucedera ao Presidente Umaru Musa Yar'Adua, um muçulmano do norte, após a morte inesperada deste em 2010. A decisão de Jonathan de candidatar-se a um novo mandato, como “independente,” desequilibrou o acordo tácito que existia no seio do Partido Popular Democrático no poder, de presidências alternadas cada oito anos, entre cristãos, que dominam o sul do país, e muçulmanos, que dominam o norte.

Entretanto, o Boko Haram continuou a atentar contra as personalidades muçulmanas que se lhe opunham, fazendo um número crescente de vítimas, designadamente o irmão do “Shehu” de Borno, o chefe tradicional do povo Kanuri do nordeste da Nigéria, sueste do Níger, Chade ocidental e norte dos Camarões, assim como Ibrahim Ahmad Abdullahi Bolori, um clérigo Maiduguri proeminente que criticara o Boko Haram, e Ibrahim Birkuti, clérigo do estado de Borno, no sul do país, igualmente conhecido pelas suas críticas à seita.

Em 16 de Junho de 2011, o Boko Haram demonstrou novo reforço significativo e ameaçador dos seus meios táticos e operacionais ao realizar um ataque suicida utilizando um veículo armadilhado com um dispositivo explosivo improvisado (*Vehicle Born Improvised Explosive Device*—VBIED). O atentado, aparentemente o primeiro ataque suicida de sempre na Nigéria, visava o Inspector-geral da Força Policial Nigeriana (FPN), cuja escolta foi perseguida pelos terroristas até à sede do quartel-general da FPN na capital federal de Abuja. As forças de segurança conseguiram deter o veículo suspeito, mas a potente explosão matou duas pessoas e bastou para destruir dezenas de veículos da polícia estacionados no local. O incidente mostrou que, ao contrário de ser um gru-

po enfraquecido, o Boko Haram estava determinado a empregar um dos meios mais mortíferos do arsenal jihadista e agora apto a desencadear ataques em zonas distantes do seu palco de operações habitual.

Não por acaso, dois dias antes do ataque em Abuja, o Boko Haram difundira uma declaração a gabar-se pela primeira vez das suas ligações aos jihadistas da Somália: “Muito em breve, empreenderemos jihad. . . . Os nossos jihadistas já chegaram à Nigéria, provenientes da Somália, onde receberam um verdadeiro treino de guerra dos nossos irmãos que tornaram aquele país ingovernável.”⁸

Dois meses depois, a 26 de Agosto—após ter levado a cabo mais de meia dúzia de ataques de menor envergadura contra autoridades governamentais, estabelecimentos de venda de álcool e igrejas—o Boko Haram realizou outro atentado de grandes proporções, ao lançar um bombista suicida num veículo carregado de explosivos contra os escritórios da ONU em Abuja. Vinte e cinco pessoas morreram e pelo menos 80 ficaram feridas. Este atentado, o primeiro do grupo contra um alvo internacional, bem como o vídeo divulgado a seguir, mostrando o bombista a louvar o líder assassinado da al Qaeda, Osama bin Laden, e a designar a ONU como “fórum de todo o mal global,”⁹ colocou definitivamente o Boko Haram na categoria dos grupos terroristas que têm visado especificamente agências da ONU no Afeganistão, Iraque e Argélia.

A violência não abrandou após o ataque à ONU, tendo-se registado uma sucessão de operações complexas como a incursão, em 4 de Novembro de 2011, a Damaturu, capital do estado de Yobe, que envolveu atentados suicidas contra diversas esquadras de polícia, seguidos do massacre de 150 pessoas no bairro cristão da cidade, e do bombardeamento da manhã do dia de Natal à porta de uma igreja católica em Madalla, nas imediações de Abuja, que matou pelo menos 32 pessoas à saída da missa; registaram-se explosões noutras quatro localidades, e os atentados coordenados de 20 de Janeiro de 2012, em Kano, segunda maior metrópole nigeriana e centro económico, político e cultural muçulmano do norte, vitimaram mais de 185 pessoas. Os atentados de Damaturu e Madalla prendem-se com o ultimato lançado pelo grupo extremista aos cristãos, exigindo que abandonem o norte da Nigéria.

Embora seja conhecido o objectivo político declarado do Boko Haram, de substituir o governo Nigeriano por um regime islâmico governado pela Sharia, pouco se sabe de concreto sobre os líderes ou membros actuais do grupo. A organização terrorista parece dispor de algum apoio no nordeste nigeriano, especialmente nos estados de Borno, Yobe, Gombe e Bauchi, mas os analistas calculam que o número dos seus membros activos não ultrapasse umas escassas centenas, com porventura alguns milhares de apoiantes envolvidos a diversos níveis.

“a AQMI nunca escondeu a sua ambição de integrar extremistas islâmicos nigerianos, com o objectivo de explorar as tensões entre muçulmanos e cristãos na Nigéria”

Apesar de Abubakar Shekau ter reivindicado a liderança e conseguido atingir um nível de organização suficiente para sustentar uma sucessão de atentados coordenados, a organização continua a ser composta de elementos muito diversos, que vão desde combatentes islâmicos até cidadãos descontentes, passando por criminosos, delinquentes e oportunistas, alguns dos quais instrumentalizados por forças políticas ávidas de tirar partido da violência e instabilidade em prol das suas agendas. De uma forma perversa, tanto o governo como os extremistas têm procurado responsabilizar o mais possível o Boko Haram pelos tumultos no norte da Nigéria. Uma excepção foi o assassinato de dois reféns europeus, em Março de 2012, no seguimento de uma operação de resgate falhada realizada por forças britânicas e nigerianas, na qual o Boko Haram talvez temesse o envolvimento de uma importante força estrangeira, algo que os extremistas terão querido a todo o custo evitar.

LIGAÇÕES ESTRANGEIRAS DO BOKO HARAM

Ao mesmo tempo que se deve ser prudente ao afirmar sem dispor de provas concretas que existem laços entre as diferentes organizações terroristas e outros grupos extremistas, também se deve desconfiar de distinções e classificações arbitrárias que pouca justiça fazem a realidades mais complexas.

Dito isto, existem de facto ligações preocupantes entre o Boko Haram e outros movimentos extremistas. O primeiro aprendeu claramente as táticas características de alguns dos segundos, designadamente o emprego de dispositivos explosivos improvisados colocados em veículos, utilizados em sucessivos atentados contra alvos públicos de elevada visibilidade, resultando num aumento espectacular do número de vítimas mortais, especialmente nos casos de engenhos explosivos accionados em simultâneo ou coordenados de outra forma. A simples ocorrência de atentados suicidas indica a presença de alguma influência estrangeira, uma vez que acções deste tipo eram praticamente desconhecidas em África até há poucos anos, quando se tornaram parte do repertório da AQMI.

A própria AQMI tem recrutado discretamente nigerianos desde que o Grupo Salafista para a Prega-

“o governo deve também dar uma resposta mais adequada às queixas legítimas de segmentos significativos da população no norte que simpatizam com a mensagem do grupo extremista”

ção e o Combate (GSPC), da Argélia, se converteu numa secção da al-Qaeda na região, facto que Abdelmalek Droukdel reconheceu em 2008, numa longa entrevista concedida ao *New York Times*.¹⁰ E o grupo nunca escondeu a sua ambição de incluir islamistas nigerianos para explorar as tensões entre os muçulmanos e os cristãos da Nigéria.

É digno de nota, com efeito, o facto de quer os líderes da AQMI como do Boko Haram terem feito declarações a elogiar-se mutuamente e a prometer apoio recíproco. E como seria de esperar, a AQMI tem permitido que o grupo nigeriano utilize a sua divisão de meios de comunicação “Al-Andalus Media.”

Além disso, pergunta-se actualmente qual o papel desempenhado no seio do Boko Haram pelo chadiano Mamman Nur, que no passado fôra a terceira figura mais importante na liderança do Boko Haram a seguir a Moamede Yusuf e Abubakar Shekau. Após as medidas de repressão do governo, em 2009, pensa-se que Nur tenha procurado refúgio na Somália, onde juntamente com os seus apoiantes terá recebido for-

mação em campos *al Shabaab* e forjado ligações com redes jihadistas internacionais. Nur regressou à Nigéria no início de 2011 e, segundo as autoridades nigerianas, que ofereceram pela sua captura uma recompensa de 25 milhões de naira (175 mil dólares USD), planeou o atentado ao edifício da ONU em Abuja. Efectivamente, os porta-vozes do Boko Haram têm-se gabado das suas ligações a combatentes na Somália, as quais foram confirmadas pelas forças da União Africana neste país.¹¹

É importante recordar que a al-Qaeda persegue há algum tempo o objectivo de estabelecer ou adquirir um ramo activo na África Subsaariana.¹² Em Junho de 2006, por exemplo, a revista do grupo que representava então a al-Qaeda na Arábia Saudita, *Sada al-Jihad* (“Eco da Jihad”), publicou um longo artigo de Abu Azzam al-Ansari intitulado “A al-Qaeda avança para África.” O autor descreve claramente o plano jihadista para o continente africano: “a al-Qaeda e os combatentes sagrados estão plenamente cientes da relevância das regiões de África nas campanhas militares contra os cruzados. Muitos consideram que este continente ainda não assumiu todo o papel que lhe cabe e dele se espera, e que as próximas etapas do conflito terão em África o seu campo de batalha.”

Tão importante como as ligações operacionais entre o Boko Haram e outros grupos extremistas fora da Nigéria é a coincidência dos seus discursos. Abubakar Shekau tem vindo a reproduzir cada vez mais as narrativas usadas por outros movimentos islamistas violentos. Com efeito, a associação entre queixas locais e mundiais tem estado na base de uma importante evolução no seio doutros grupos extremistas—incluindo o GSPC, antes de se transformar na AQMI—ao dotar os líderes destas organizações de uma plataforma para conquistarem apoios e se afirmarem muito para além dos limites dentro dos quais operavam até aqui.¹³

COMBATER O BOKO HARAM

Tendo em conta a influência económica, social e ideológica que o Boko Haram exerce no seio de determinadas comunidades no norte da Nigéria, é necessário implementar uma estratégia abrangente e de continuidade para combater as ameaças à segurança colocadas por este grupo.

Investir em melhor informação e análise. Apesar da importância da Nigéria e da gravidade das ame-

aças que enfrenta, aquilo que chega a ser noticiado e o que se sabe em concreto é muito pouco. Algumas análises pouco mais serão, na melhor das hipóteses, do que fantasias, como as notícias tantas vezes divulgadas, mas nunca confirmadas, sobre divisões existentes no Boko Haram, entre apoiantes do desaparecido Mohammed Yusuf, que querem transformar a Nigéria num estado governado pela Sharia, e aqueles que defendem antes de mais o derrube do Estado. Além disto, para recolher as informações que permitam agir atempadamente e prevenir futuros atentados, os governos federal e estadual da Nigéria precisam de esforçar-se mais no sentido de aproximar-se das comunidades locais em que o Boko Haram opera.

Exortar o governo nigeriano a lidar de imediato com a ameaça. A atitude algo despreocupada assumida ao longo dos últimos anos pelas autoridades nigerianas perante o Boko Haram é motivo de perplexidade, considerando que o grupo não faz segredo do seu objectivo de derrubar o próprio Estado nigeriano. Apesar deste risco, no auge da sublevação de 2009, o antigo Presidente Umaru Musa Yar'Adua deslocou-se ao Brasil em visita oficial, e só depois de regressar ao país ordenou a criação de uma comissão de inquérito. Mais graves ainda são os casos de cumplicidade directa com os extremistas. Entre os detidos sob a acusação de apoiar o Boko Haram conta-se o actual senador federal do partido no poder, PDP, Moamede Ali Ndume, do estado de Borno. O Presidente Goodluck Jonathan já reconheceu que os extremistas possuem simpatizantes ou apoiantes em todas as esferas do poder, “alguns no ramo executivo do governo, outros no ramo parlamentar/legislativo, e alguns até no meio judiciário.”¹⁴

De qualquer forma, a escalada de atentados parece ter abalado a complacência do governo nigeriano. O Presidente Jonathan tem reagido energeticamente, abrindo a porta a negociações ao mesmo tempo que ameaça com o uso da força. Esta vontade política deve ser reforçada a todos os níveis nas mensagens dos parceiros do país.

Responder às queixas legítimas. Por outro lado, para combater o Boko Haram, o governo precisa de uma estratégia ponderada. Operações de segurança descoordenadas, como as “*Operation Flush*” (Operação Limpeza) realizadas no norte do país, pouco mais conseguiram do que inflamar ainda mais a opinião pública

contra o governo. O governo também deve dar uma resposta mais adequada às queixas legítimas de segmentos significativos da população do norte. O ressentimento gerado aproxima muitos habitantes do discurso deste grupo extremista, que afirma querer mudar o *status quo* na Nigéria. As condições de vida são muito difíceis no norte da Nigéria, uma região onde a população que vive abaixo do nível de pobreza é duas a três vezes superior à do sul do país. São necessários um governo mais inclusivo e medidas drásticas para combater a corrupção, aliviar a pobreza e a falta de acesso a cuidados de saúde, expandir o acesso à educação e criar uma infraestrutura de transportes, serviços públicos e comunicações capaz de sustentar o crescimento económico para os 170 milhões de habitantes da Nigéria.

Treino especializado para as forças de segurança nigerianas As forças de segurança nigerianas, tanto o exército como a polícia, necessitam sem dúvida de algum apoio para combater o Boko Haram, mas não tanto em termos de pessoal e equipamento como sobretudo de treino e formação, especialmente no âmbito da recolha de informações e condução de investigações secretas. Devem ser tomadas precauções para reduzir ao mínimo o envolvimento internacional, por forma a evitar que o apoio externo se transforme numa questão passível de ser explorada pelos extremistas. No entanto, as forças nigerianas podem ser ajudadas, por programas de formação específicos, a reforçar as suas competências em termos do relacionamento entre militares e civis, especialmente no norte.

Reforçar a cooperação regional e desenvolver a capacidade dos países vizinhos. O Boko Haram tem sabido aproveitar a porosidade das fronteiras nigerianas e as fraquezas dos países vizinhos. De acordo com um relatório da ONU divulgado em Janeiro de 2012, membros do Boko Haram receberam treino no Mali no ano anterior e sete extremistas foram detidos no Níger na posse de nomes e contactos de combatentes da AQMI.¹⁵ Esforços regionais como a Iniciativa Trans-Saariana de Combate ao Terrorismo, financiada pelos Estados Unidos, que apoia pequenas equipas móveis de treino, programas de cooperação civil-militar e o desenvolvimento doutras iniciativas, devem ser adaptadas às áreas nas quais o Boko Haram tem prosperado. Os parceiros internacionais devem

encorajar e facilitar uma maior cooperação e intercâmbio de informações entre os estados da região.

CONCLUSÃO

O facto de o Boko Haram ter não só sobrevivido às duras represálias de que foi alvo em 2009 como logrado expandir o seu alcance e a envergadura das suas operações deveria constituir um motivo de alarme tanto para o governo nigeriano como para a comunidade internacional. Os atentados suicidas contra símbolos da autoridade do estado nigeriano e das agências internacionais mostram um reforço significativo das capacidades do Boko Haram e uma mudança importante da sua mensagem. O impacto dos atentados não só abalou a posição das autoridades nigerianas, de tratar o grupo como um problema menor e localizado, como pôs em causa os pressupostos dos analistas estrangeiros que têm menosprezado o risco que os extremistas islâmicos violentos representam para a Nigéria.

O recrudescimento dos atentados na Nigéria, aliado às ocorrências registadas noutras regiões do Sahel, é um sinal claro de que o extremismo e a violência não são facilmente enquadráveis em categorias simplistas, sejam elas geográficas ou analíticas. Por conseguinte, o ressurgimento do Boko Haram, bem como a sua violência crescente devem ser reconhecidas como um problema nacional e transfronteiriço e tratadas enquanto tal.

NOTAS

¹ Elizabeth Isichei, "The Maitatsine Risings in Nigeria 1980-1985: A Revolt[ed] of the Disinherited," *Journal of Religion in Africa* 17, no. 5 (Outubro de 1987).

² John Campbell, *Nigeria: Dancing on the Brink* (Lanham, MD: Rowman & Littlefield, 2011).

³ Joe Boyle, "Nigeria's 'Taliban' Enigma," BBC, 31 de Julho de 2009.

⁴ Freedom C. Onuoha, "The Islamist Challenge: Nigeria's Boko Haram Crisis Explained," *African Security Review* 19, no. 1 (2010): 55.

⁵ "Al Qaida Makes Move on Troubled Nigeria," UPI, 17 de Junho de 2010.

⁶ J. Peter Pham, "Foreign Influences and Shifting Horizons: The Ongoing Evolution of al Qaeda in the Islamic Maghreb," *Orbis* 55, no. 2 (Spring 2011). J. Peter Pham, "The Dangerous 'Pragmatism' of Al-Qaeda in the Islamic Maghreb," *Journal of the Middle East and Africa* 2, no. 1 (Janeiro a Junho de 2011).

⁷ Nick Tattersall and William Maclean, "Nigerian Sect Leader Praises al Qaeda, Warns U.S.," Reuters, 13 de Julho de 2010.

⁸ "Nigerian Islamists Vow 'Fiercer' Attacks," AFP, 15 de Junho de 2011.

⁹ "Nigeria UN bomb: Video of 'Boko Haram Bomber' Released," BBC, 18 de Setembro de 2011.

¹⁰ "An Interview with Abdelmalek Droukdel," *New York Times*, 1 de Julho de 2008, disponível em < www.nytimes.com/2008/07/01/world/africa/01transcript-droukdal.html>.

¹¹ Interview with Senior Officer, African Union Mission in Somalia (AMISOM), Mogadishu, 6 de Dezembro de 2011.

¹² J. Peter Pham, "Next Front? Evolving U.S.-African Strategic Relations in the 'War on Terrorism' and Beyond," *Comparative Strategy* 26, no. 1 (2007).

¹³ Jean-Luc Marret, "Al-Qaeda in the Islamic Maghreb: A 'Global' Organization," *Studies in Conflict and Terrorism* 31, no. 6 (June 2008). Jean-Pierre Filiu, "The Local and Global Jihad of al-Qa'ida in the Islamic Maghreb," *Middle East Journal* 63, no. 2 (Primavera de 2009).

¹⁴ "Nigeria's Goodluck Jonathan: Officials Back Boko Haram," BBC, 8 de Janeiro de 2012.

¹⁵ Adam Nossiter, "In Nigeria: A Deadly Group's Rage Has Local Roots," *New York Times*, 26 de Fevereiro de 2012.

CENTRO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS DE ÁFRICA

Director: Embaixador (reformado)
William M. Bellamy
National Defense University
300 Fifth Avenue, Building 21
Fort McNair
Washington, DC 20319-5066
Telephone: + 1 202 685-7300
Website: www.africacenter.org

ESCRITÓRIO REGIONAL DO CENTRO DE ÁFRICA EM DAKAR

Vice-Gerente Regional:
Claude Toze
Telephone: 221 33 869 61 60
Email: TozeC@ndu.edu

ESCRITÓRIO REGIONAL DO CENTRO DE ÁFRICA EM ADIS ABEBA

Gerente Regional:
Brad Anderson
Telephone: 251 11 517 4000
Email: AndersonBG@state.gov

RESUMOS DE SEGURANÇA DE ÁFRICA

Editor: Dr. Joseph Siegle
Telephone: + 1 202 685-6808
Email: SiegleJ@ndu.edu

O Centro de Estudos Estratégicos de África apoia o desenvolvimento de políticas estratégicas dos EUA que visam a África, oferecendo programas académicos de alta qualidade e relevantes, fomentando a consciencialização e o diálogo sobre as prioridades estratégicas dos EUA e assuntos relacionados com segurança em África, criando redes de líderes militares e civis africanos, americanos, europeus e internacionais, assistindo as autoridades dos EUA na formulação de políticas eficazes para África e articulando as perspectivas africanas a autoridades dos EUA.



O Resumo de Segurança de África apresenta pesquisa e análise de especialistas do CEEA e eruditos, com o objectivo de avançar a compreensão das questões de segurança Africanas. As opiniões, conclusões e recomendações expressas ou implícitas são dos contribuintes e não refletem necessariamente a opinião do Departamento de Defesa dos Estados Unidos ou qualquer outro órgão do Governo Federal. Para mais informações sobre o CEEA, visite o Web site <http://www.africacenter.org>.

AFRICA CENTER FOR STRATEGIC STUDIES



<http://www.africacenter.org>

ISSN 2164-4039

